

À memória de Luís Esteves

*Eduardo Jorge Duque**

* Professor na Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga.

Estou certo de que se partisse um seu amigo, o Dr. Esteves ter-lhe-ia dedicado umas palavras, um texto; tornava-o presente, fazendo questão de mostrar que há pessoas que não morrem e que resistem, pela massa com que foram forjados, à intemporalidade.

Não sei se ele me considerava seu amigo, mas eu considerava-o, respeitava-o e tinha-o como tal.

Por isso, estas minhas palavras não são conformes *ao dever*, mas brotam da minha amizade como *um dever*, portanto, o seu valor, se o tivesse, não estaria no propósito que com este texto quero atingir, mas na máxima que mo leva a escrever.

Releio agora, com outra distância, bem mais encurtada e com olhar mais clínico como quem se apraz com cada palavra, o que o Dr. Esteves por e-mail me enviara. Entre outros textos, realço a "Carta Aberta ao Presidente da República", onde, antes de mais, se apresenta e se dá a conhecer.

Recorre ao estilo de Carta Aberta inspirado em S. Paulo: "o homem das encruzilhadas culturais, religiosas e históricas e até existenciais", *loucura para os gregos e escândalo para os judeus, mas sabedoria e força de Deus* para todos os que n'Ele acreditam. Talvez fosse este o estilo com que ele mais se identificou.

No decurso da apresentação, diz-se "filho, neto, bisneto e tetraneto... de emigrantes", o que o torna "genética e culturalmente universal", trazendo inscrito no seu sangue o diálogo das civilizações (Huntington), por isso aclara que "a minha pátria é a terra que me deu à luz e o mundo é a minha casa".

O facto de ter nascido na raia, tornou-o, desde bem cedo, imune ao pensamento solipsístico, facto que o estimulou a lançar pontes, "preferindo as margens ao leito do rio porque as pontes de todo o género nelas se alicerçam" e "o rio era sempre para atravessar ao encontro do outro que é irmão na diferença". Foi esta abertura ao mundo através do outro, este olhar mais alargado que concebe o homem na sua circunstância e este amor às suas origens, geograficamente circunstanciais, que lhe conferiram "crédito moral para falar".

Compreende-se assim que o seu estilo arriscado, sempre atento às margens, lhe tenha suscitado uma vida sensível, de arte, como uma outra forma de, na impossibilidade de universalizar as suas origens (que criavam pontes, reconhecendo a diferença do outro), imitar a realidade.

A arte, no Dr. Luis Esteves, não só recriava o seu passado, como o universalizava. Dava-lhe sentido para a vida. Tornava-o cidadão do mundo, sendo que em qualquer parte estava em sua casa. Esta vontade que lhe era congénita de abraçar o mundo conformou a sua forma de estar na arte: na música, na literatura, na pintura, na linguagem... A arte era, definitivamente, a sua forma de viver. Quem não o encontrava nas exposições, em edições de livros, nos acordes mais difíceis ao ouvido, no anúncio da Palavra de Deus, sempre de espada em punho, lutando contra o défice cultural? Quem não o conhecia nas expressões de insurreição contra os "cultos" da nossa praça sempre rendidos aos mesmos discursos? Quem não o percebia inconformado com a insensatez dos que desvalorizavam a arte, como a melhor metáfora para o anúncio? E a mágoa que ele sentia em relação aos que não compravam nem liam um livro, apesar de comprarem bilhetes para o futebol?

Eram estas coisas que lhe causavam dor, retiravam vida e davam-lhe, como quem as desejava superar qualitativamente, ousadia para falar. E a este propósito, além da sua voz se impor com autoridade porque era autêntica, alertando constantemente para o défice cultural, o seu discurso ganha corpo e actualidade, quando publicamente, na branda do Mourim, refere que "a cultura não tem preço e se há dinheiro para que é que vamos ganhar mais, acumulando dinheiro com dinheiro? Não é preferível gastá-lo na cultura, num curso superior mesmo que o horizonte do emprego não seja muito luminoso e tranquilizador?".

O clarim toca a carga, veste a pele de guerreiro, e a luta parecia continuar, apelando, agora, à formação como a única arma de defesa pessoal e comunitária, afirmando "que eu prefiro ter um curso universitário mesmo para varrer as ruas ou limpar carreiros e caminhos".

Se por um lado, nestes móveis, se assemelha a Berthold Brecht quando

exprime "se perdermos os bens materiais perdemos pouco, se perdermos a dignidade perdemos muito, se perdermos a coragem perdemos tudo", porque morreu como viveu: pobre, digno e audaz, por outro, torna-se muito pessoano quando, como filósofo, artista e poeta, defende a primazia da ética sobre a economia, do pensar sobre o gerir, do projecto cultural sobre o frio cálculo financeiro.

Torna-se, assim, mais clara a imagem do homem peregrino, a quem a terra, ou melhores as coisas terrenas, pouco ou nada dizia. Não eram, definitivamente, seus os bens. Recordo, a este propósito, um dia, em que eu e outro amigo que lhe era próximo o visitamos em sua casa, onde, depois de termos abordado muitos assuntos, já quase na despedida, ele, de olhar perdido por todos os cantos, dizia: "leva alguma coisa de recordação desta casa. Não tenho muito, mas o que te agrada, leva". O repto era efectivo e não tive outra possibilidade se não trazer algo que guardo e estimo.

Interessante este princípio tão católico, ao jeito de Mateus 5, de nos irmos desfazendo das "nossas" coisas... não por serem depreciáveis, pois em si não são boas nem más, mas por serem de valor efémero, in-nocentes (que não ousa violar), por não nutrirem a alma, por não sublevarem o espírito, por não provocarem "revolta", conversão e, nestes conformes, tornavam-se bens alheios a qualquer pensador, e por antonomásia ao Dr. Esteves, que almejava desafios e provocações só encontrados no chamamento "Vem e segue-Me".

Pressupondo a "boa fé" daquele com quem conversamos, julgamos que poderemos ter repostado alguma verdade, a nossa crença foi partilhada, remetemo-nos a um determinado contexto e pedimos-lhe o último tempo, simplesmente para dizer, com um outro texto do Dr. Esteves, "A palavra Crucificada", "Ao contemplar a tua paixão fiquei apaixonado por ti e pelos meus irmãos! Fica, Senhor, comigo para que quando a noite escura cair sobre mim eu faça memória do Teu Dia, da Tua Páscoa e o Amor apaixonado que hoje me aquece o coração não arrefeça com as noites frias da indiferença, do medo, do comodismo ou da desilusão! Tu és a minha Esperança e a minha sabedoria!".

A arte, o espanto pelo belo, pelo diferente, a procura de sons descoincidentes ou harmoniosos, a busca da palavra certa, o interesse pela filologia ou filografia, a aposta na estética, a revolta com a rotina, a demanda de lugares de difícil acesso, o apreço pelo espaço de fronteira e pela formas de ser incomum, o atrevimento da profecia, a vontade de caminhar ao lado de nómadas e itinerantes, a arte da diferença () fizeram com que o Dr. Luís Esteves tenha nutrido a dimensão estética como alguns e a espiritual como poucos. A arte, no argumento da vida do Dr. Esteves, é uma dimensão verdadeira do sagrado.